

Aquaviário completa 2 anos de desativação

Enquanto isso catraieiros aproveitam, cobrando R\$ 0,75 pela travessia

JUSSARA BAPTISTA

A poucos dias de completar dois anos de desativação, o futuro do sistema aquaviário da Grande Vitória ainda é uma incógnita. O Governo do Estado alega que não há viabilidade para voltar a operar o sistema e o novo projeto, voltado para o turismo, depende do planejamento integrado com outros serviços, o que requer um plano detalhado e verbas que não estão disponíveis.

De acordo com o secretário de Estado dos Transportes e Obras Públicas, Jorge Hélio Leal, não há qualquer possibilidade do sistema voltar a operar, neste Governo, nos mesmos moldes de antes da desativação. "As lanchas estavam operando há mais de 10 anos e estão velhas demais". O repasse de subsídios para a empresa Pisa Engenharia, antiga concessionária do sistema, que permitia o funcionamento das lanchas, foi extinto por meio de uma emenda à lei estadual.

Implantar um novo sistema com embarcações moder-

nas para turistas, depende de um estudo de viabilidade para garantir a liberação dos recursos. "Técnicos do BNDES estão fazendo o estudo, mas não nos passaram nenhuma posição. Acredito que sem um projeto integrado de turismo não há como o sistema se manter", avalia o secretário.

De acordo com a legislação estadual, cabe ao Governo do Estado gerenciar o sistema de transporte interestadual, no entanto, podem ser feitas parcerias com as prefeituras. As cidades de Vitória, Vila Velha e Cariacica demonstram interesse em reativar o sistema, mas não possuem projetos concluídos sobre a viabilidade.

Enquanto não há ações práticas para revitalizar o sistema aquaviário, o quadro de hoje é o mesmo de dois anos atrás. Usuários órfãos do sistema,

lanchas abandonadas nos terminais se deteriorando e catraieiros faturando com a paralisação e a indefinição da Justiça em relação ao processo da empresa Pisa Engenharia, que recorreu da decisão que extinguiu o repasse de verbas.

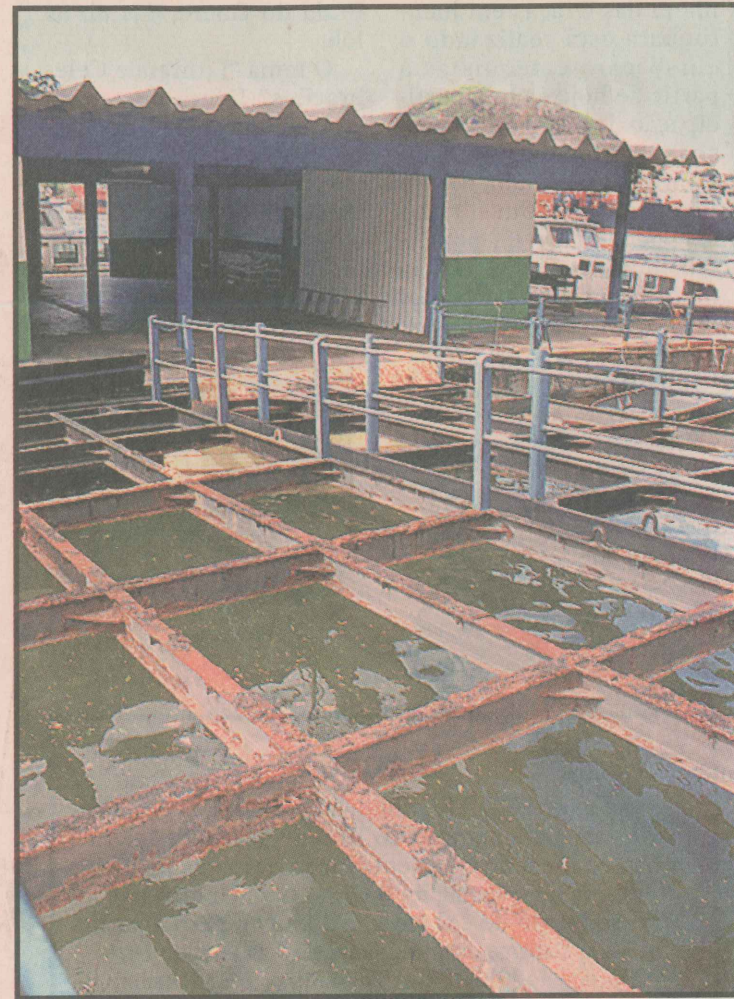
No terminal do Centro de Vitória, o número de catraieiros, depois da paralisação das lanchas, subiu, passando de 10 para 15. Segundo um deles, Geraldo Masau Mendes, 23, neste verão, a procura pelas embarcações dobrou. Os turistas de São Paulo e Minas Gerais formam a principal clientela. As travessias do bairro de Paul para o Centro de Vitória custam R\$ 0,75 por cada passageiro. Os profissionais estão organizados em uma associação e têm licença da Capitania dos Portos para atuar com o transporte.

Os moradores dos bairros,

próximos aos terminais, por sua vez, são saudosistas. Stephano Oliveira, 23, que mora em Paul, era usuário fiel das lanchas. "Tive que passar para os barcos, mas quando chove não é possível atravessar".

Há apenas um funcionário responsável pela manutenção das lanchas, que trabalha no terminal do Centro. Os demais estão praticamente abandonados. Um leilão que seria realizado para vender o patrimônio do Estado ainda não foi realizado pela Secretaria de Administração do Estado.

A Capitania dos Portos foi procurada para explicar como é feita a fiscalização e regularização dos catraieiros, por e-mail e fax (com as perguntas que seriam encaminhadas ao comandante), mas até o fechamento desta edição não retornou as informações.



Nestor Müller

Abandono

O terminal aquaviário do Centro de Vitória, sem uso, está se deteriorando

SUCATEAMENTO

Prejuízo estimado em R\$ 1,5 milhão

O sistema aquaviário chegou a transportar cinco milhões de passageiros por ano. As lanchas eram operadas pela Pisa Engenharia. O assessor técnico da empresa, Abraão Carasso, lamentou o abandono das nove embarcações e seis terminais. Segundo ele, o sucateamento das lanchas pode representar um prejuízo de R\$ 1,5 milhão. "O patrimônio público foi abandonado e está se deteriorando num processo irreversível", afirmou o assessor. A empresa entrou na Justiça contra o Governo do Estado, que teria, segundo Carasso, rompido unilateralmente o contrato estabelecido através de concorrência pública.